

FREIRE E A FORMAÇÃO DE EDUCADORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA PÚBLICA

MADEIRA, Maria Cristina¹

MADEIRA, Júlio César²

Resumo

Esta experiência dialogada entre Freire e Freinet na Educação Infantil iniciou com alguns objetivos, dentre os quais o envolvimento das educadoras na elaboração de uma proposta pedagógica democrática e popular em que as crianças fossem consideradas importantes, cidadãs de direitos na prática do processo pedagógico. Esta conquista foi uma construção coletiva do grupo desta escola, começando a entender que, apesar das adversidades em que se encontram as educadoras das redes públicas no que se refere à formação continuada, é possível modificar o *status quo* e construir a formação via escola. As práticas educativas começaram a ser modificadas por novas concepções de educação e de infâncias. A assunção dessas mulheres no processo de transformação social, fez com que redimensionassem seu papel de educadoras, primando pelas mudanças sociais, concebendo a liberdade como condição humana. Esse processo dialógico só teve início quando aprendemos a viver a pedagogia da escuta, pois no diálogo necessitamos ouvir o outro para podermos falar *com* o outro, e não *para* o outro, foi o que Paulo Freire nos ensinou.

Introdução

Esta experiência dialogada entre Freire e Freinet na Educação Infantil se iniciou com alguns objetivos, dentre os quais o envolvimento das educadoras na elaboração de uma proposta pedagógica democrática e popular em que as crianças fossem consideradas importantes, cidadãs de direitos na prática do processo pedagógico. Com objetivo de conseguir um engajamento das educadoras em uma “pedagogia viva”, que se valorizasse e conduzisse as crianças ao exercício da cidadania. A primeira atitude da direção da escola foi a de trabalhar a valorização e o prestígio do trabalho delas e dos pais. O segundo passo constituiu-se na motivação para o trabalho docente com as

¹ Doutoranda em Educação PPGE/FaE/UFPeL/CMP/SMED/Pelotas/RS E-mail: madeiracris@terra.com.br

² Doutorando em Educação PPGE/UFPeL UNISINOS; Mestrando em Direito e Justiça Social PPGD/FURG. Professor de Sociologia 5ª CRE/E.E.E.M. N.S. L. E-mail: julioesarmadeira@gmail.com

crianças. Deste modo, teve início a discussão da proposta pedagógica, na qual as crianças estivessem mais envolvidas, sem determinismo metodológico. Além disso, estudamos Freire (1998) e Freinet (1965) que se destacaram com seus pressupostos políticos e pedagógicos. Freinet ao dizer, que é necessário que o professor trabalhe de uma forma que ele domine e confie, antes de experimentar uma proposta que não tem conhecimento teórico, uma vez que prática e teoria estão intimamente imbricadas, segundo ele, “nunca largues as mãos... antes de apoiares os pés! Ninguém terá a idéia de lançar-se do alto de um muro, só para ver como ficará cá embaixo na terra dura. [...] Não debes abandonar um método de trabalho antes de encontrar outro melhor para adaptares” (FREINET, 1965, p. 9).

As palavras de Freinet foram preponderantes para o percurso que trilhado, porque a principal preocupação consistia na construção de uma nova proposta de trabalho com as infâncias, mas para tanto existia a necessidade de formação continuada para que cada profissional tivesse segurança e conhecimento em suas ações pedagógicas. O significado de projetar, nos remete a ideia de planejar, arremessar, ação direcionada no futuro, o projeto possibilita, a realização de ações que ocorrerão no decorrer do tempo e da ação, de forma criativa e ativa numa construção contínua e flexível, Barbosa e Horn (2008). Para as autoras, a elaboração do projeto pode ocorrer em grupo ou individualmente, desta forma, é respeitada a autonomia individual junto com a cooperação de todos. O projeto pedagógico constitui uma ação democrática, porque nele há o envolvimento participativo da criança desde o tema escolhido, sua elaboração e execução. Barbosa (2008).

Iniciamos o primeiro projeto, executado pelas professoras da turma do Pré-escolar A. Este consistiu em trabalhar a identidade das crianças. Na fase inicial começou pela pergunta: quem sou? Foi reconstituída a História do Nome, envolvendo os pais das crianças. Em momentos posteriores desenvolveu: Eu e minha Família; Eu e minha Escola; Eu e meu Bairro. Após a exploração dessas temáticas as professoras do Pré-Escolar 1A partiram para a etapa final do projeto que se intitulou: Eu e a Sociedade. A abrangência desse projeto foi muito significativa, tanto para as crianças quanto para as educadoras. O Projeto teve a duração de um ano e ainda havia questões para serem desenvolvidas. A proposta desse projeto desencadeou uma rica produção de Livros da Vida, nos quais está documentado todo o processo de execução do projeto juntamente com as apreensões e a compreensão das crianças.

Desde o início do trabalho ensaiávamos o desenvolvimento de projetos, mas

ainda não visualizávamos sua abrangência e o período em que os mesmos poderiam ser desenvolvidos.

A construção do trabalho pautou-se na prática reflexiva. Freinet foi o primeiro aporte teórico utilizado pelo grupo essa fundamentação não ocorreu de forma homogênea, mas, sim, por parte de algumas educadoras que foram “seduzidas” pela proposta pedagógica desse educador. Fomos incentivando-as a ler trazendo pequenos textos, artigos e leituras que contribuíssem com sua formação. Mais de um ano se passou, aos poucos algumas ousaram experimentar algumas técnicas da proposta freinetiana, de forma tímida, mas contínua, como, por exemplo, a construção dos Livros da Vida, realização de aulas- passeio no bairro, a correspondência intraescolar e a formação da roda de aprendizagem. Essas práticas propostas, princípios e técnicas pedagógicas tornaram-se, posteriormente, as práticas da escola. Constatei que essa etapa da formação estava vencida, ou seja, estava instaurado o desejo e vontade de fazer uma prática pedagógica com maior significação e envolvimento das crianças. Necessitava, então, partir para outra etapa. O segundo passo consistiu em fazer com que as educadoras acreditassem que seus fazeres pedagógicos contribuíssem de forma preponderante no desenvolvimento das crianças. Precisavam ter consciência de que seu trabalho era muito significativo, elas precisavam socializar e anunciar suas práticas e fazeres em seminários educacionais, assim como ouvir o relato de outras vivências pedagógicas de outras educadoras.

No entanto, elas não tinham coragem de apresentar trabalhos em eventos científicos. Percebemos, que não poderia construir essa motivação com todas ao mesmo tempo. Essa construção foi um processo lento, mas contínuo. Após termos construído essa concepção, de que professores da rede pública produzem conhecimentos científicos, participamos do Encontro Estadual Sobre O Poder Escolar, Seminário de Educação³. Inicialmente todas as educadoras foram convidadas, mas apenas três delas se interessaram em participar. Para a escrita do relato de experiência e apresentação no seminário trabalhamos coletivamente entre pares. Um sonho começava a se concretizar⁴, ou seja, iniciava a caminhada de uma escola popular e democrática. Aos poucos, outras foram se interessando por essa prática; por fim, toda a escola tinha interesse em participar como ouvinte ou apresentar trabalhos onde relataram

³ O Encontro Sobre o Poder Escolar é um evento dedicado a educador@s das redes escolares da Região Sul do Rio Grande do Sul.

⁴ Nesse evento foi dado o “pontapé inicial” rumo à construção de uma escola que se preocupasse com a infância, tendo a formação de suas educadoras como centralidade.

experiências vividas na escola.

Nos anos seguintes, lhes foi proposta a participação no Encontro Estadual sobre o Poder Escolar. Inicialmente, as educadoras pensaram que não era possível porque não poderiam pagar a inscrição. Como de costume, a SMED⁵ disponibilizou uma inscrição para cada escola de Educação Infantil. Sugeriu-lhes, em conversa numa reunião pedagógica, que não devíamos ficar à mercê de um sorteio, no qual só iria uma representante da escola, pensamos de forma coletiva, que tínhamos de realizar um investimento em nossa formação. A ideia foi lançada, e as educadoras ficaram decidindo. Alguns dias depois, elas resolveram participar.

Dias depois iniciou-se a construção dos resumos das experiências, foram momentos de muita interação, troca de ideias, revisões entre pares. Para a escrita dos resumos começaram a fazer as leituras para fundamentar suas experiências. Onze trabalhos foram escritos e aprovados. Dez tinham, como temática central, as infâncias e o letramento; e um abordou a construção do processo de gestão da escola.

Cada educadora da escola aprovou dois trabalhos no evento sobre experiências em suas turmas. Nesta ocasião, a SMED, quando soube que toda a escola estava inscrita no evento com trabalhos aprovados, abriu a possibilidade de fechar a escola para a participação do referido encontro. Como nada decidíamos sem a participação dos pais ou responsáveis pelas crianças realizamos uma assembleia geral, ocasião em que expusemos a possibilidade de fecharmos a escola para este encontro. Para nossa feliz surpresa, os pais presentes, que atingiam mais de dois terços da totalidade, responderam estar de acordo que a escola fechasse naqueles dias, porque observaram que desde que as educadoras começaram a frequentar cursos e a estudar as crianças estavam aprendendo mais.

Nesse contexto, em busca de formação, com o apoio dos pais, conseguimos também ser mais respeitadas pela SMED. Este momento, foi um marco na trajetória da escola, as educadoras, motivadas com as aprendizagens e interesse das crianças, começaram a intensificar cotidianamente a leitura sistemática para as crianças. Ao mesmo tempo, sentiram a necessidade de elas próprias lerem mais, terem maior aprofundamento teórico, foram motivadas para esta tarefa por intermédio de seus pequenos “alunos”. Como nos fala Freire (1998), o educador, ao ensinar, aprende com o educando. Observou-se no cotidiano da escola que as educadoras começaram a

⁵ Secretaria Municipal da Educação e Desporto.

incorporar o conceito de letramento. Esta conquista foi uma construção coletiva do grupo desta escola, começando a entender que, apesar das adversidades em que se encontram as educadoras das redes públicas no que se refere à formação continuada, é possível modificar o *status quo* e construir a formação via escola. Nos seguintes continuaram a participar desses e de outros eventos educacionais no município ou em outros da região. Desta forma, realizou-se um cronograma, cujos encontros elas tinham interesse, às vezes tendo que realizar sorteio para não inviabilizar o trabalho diário com as crianças.

As práticas educativas começaram a ser modificadas por novas concepções de educação e de infâncias. A assunção dessas mulheres no processo de transformação social, fez com que redimensionassem seu papel de educadoras, primando pelas mudanças sociais, concebendo a liberdade como condição humana. Esse processo dialógico só teve início quando aprendemos a viver a pedagogia da escuta, pois no diálogo necessitamos ouvir o outro para podermos falar *com* o outro, e não *para* o outro, foi o que Paulo Freire nos ensinou. Nesse processo de escuta reorientamos nossas práticas curriculares, dentro de um processo de construção coletiva da qual participam diferentes grupos da comunidade escolar em constante diálogo: professoras, funcionárias, direção, orientação educacional, pais ou responsáveis, e com as próprias crianças. Nessa relação de diálogo a comunidade escolar se apropriaria do direito e do dever de ter voz nas decisões da escola. Oliveira afirma que, “uma prática dialógica só é viável quando todos os homens, independente de seu status sócio-político-econômico e cultural, podem livremente dizer sua palavra” OLIVEIRA, 1996, p.18.

Nesse processo de diálogo houve uma polifonia de vozes, situação em que todos puderam expressar sua palavra. As educadoras mais confiantes em si, em busca de formação, as crianças felizes e a comunidade mais próxima. São essas pessoas, especialmente dedicadas à educação das infâncias, que vêm fazendo a diferença em uma escola que antes não possuía qualquer visibilidade, onde a docência e a profissionalização passavam à margem. Paulo Freire e Celestin Freinet fizeram parte desse universo para ajudar essas mulheres a superarem os obstáculos e desafios cotidianos, abrindo espaços para que as crianças estivessem à frente dos projetos educacionais da EMEI⁶. Esses projetos não deixaram que a Educação Infantil ficasse no descaso, predestinada ao descuido e à invisibilidade, características atribuídas às

⁶ Escola Municipal de Educação Infantil.

instituições, ainda tão presentes na Educação Infantil pública no Brasil.

Nessa relação interativa e dialética entre crianças e educadoras, essas ao ensinar suas crianças, aprendem com elas. Freire (1998, p. 77) afirma: “Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender”. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetição da lição dada”. Pensando que o educador e a educadora, ao ensinar aprende e apreende as necessidades de seus educandos, e esses ao aprender, ensinam ao educador por intermédio do diálogo, para Freire, “a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumem-se como tais, se tornam radicalmente éticos (FREIRE, 1998, p. 67).

O diálogo como mediação emancipatória deu suporte às práticas com as infâncias, pois as práticas educativas tomaram-se significativas e interessantes às crianças. Estas começam a ocorrer quando as educadoras tiveram uma tomada de consciência em relação às aulas planejadas. Conscientizaram-se de que cabe à escola ser o agente de formação da cidadania, da construção e socialização de saberes produzidos no contexto em que a criança está inserida, associada aos saberes produzidos de forma científica. Freire diz que a “conscientização nos leva a assumir uma posição utópica frente ao mundo, posição esta que converte o conscientizado em “fator utópico”. Para mim o utópico não é o irrealizável: a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar” (FREIRE, 1980, p. 27).

Esse momento não aconteceu de forma abrupta, mas de forma processual, pois houve uma questão que ficou bem esclarecida, apreendida e vivida, a de que não existe prática educativa neutra, por ser a educação um ato político. A educadora, ao ensinar, pode proporcionar o desenvolvimento de crianças criativas, críticas e com autonomia, crianças que crescem sendo cidadãos de direitos, pequenas pessoas que pensam e se expressam intensamente. Aos poucos, as educadoras foram aprendendo a fazer diferente; começaram o trabalho pedagógico a partir do que era trazido pelas crianças. Iniciou à construção de uma prática que considerava a reflexão da teoria e da prática. Nesse ínterim, aproximaram-se da Pedagogia Freinet que tem como um dos princípios básicos a cooperação. A sala de aula foi se constituindo como um ambiente cooperativo, o grupo de professoras aprendendo e trocando ideias. Com a Pedagogia Freinet começamos a documentar a produção das infâncias das crianças da escola, suas

vivências e os processos de aprendizagens. A riqueza da cultura escolar é constantemente permeada e atravessada pelas culturas infantis que transitam e rompem a cultura escolar institucionalizada.

A partir das produções infantis em classe foram ensinadas às crianças noções de espaço, tempo e relações sociais, assim como a linguagem e a expressão livre através da literatura infantil, dos desenhos, das dobraduras e da escrita, oportunizando as crianças e às educadoras acompanhamento do processo de aprendizagem.

Esta proposta de trabalho, proporcionou as educadoras historicizar o processo de aprender e conseguiram interferir de forma planejada na aprendizagem das crianças, gerando um desenvolvimento contínuo do ensino-aprendizagem. A ação de registrar e documentar o cotidiano consistiu-se numa ideia simples. Sendo assim, um elemento motivador e facilitador que fez com as educadoras não perdessem o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Ao longo desse período, não tivemos atividades pré-programadas. As educadoras preparam atividades para trabalhar com as crianças, no entanto, eram as crianças que traziam na roda, por meio das conversas ocorridas nesse momento, seus interesses, necessidades, curiosidades, proporcionando as educadoras a possibilidades de realizar atividades pedagógicas que tivessem consonância com a realidade vivida. Construimos as propostas pedagógicas a partir das experiências vividas pelas crianças. Elaboramos planos de trabalhos individuais e coletivos mediados pelo interesse das crianças, os quais eram seguidos e concluídos. O planejamento era feito de acordo com o que ia aparecendo em cada turma.

Cada dia, ao chegarmos à escola, realizava-se uma reunião em cada turma. Nestas, as crianças e educadoras dialogavam, falavam das alegrias ou preocupações, da vida. Dessa experiência da vida surge a materialização da proposta pedagógica, do trabalho desenvolvido na classe. Acreditávamos, que a escola seria significativa às crianças, se a vida entrasse na escola, e não do lado de fora da escola. Utilizamo-nos da expressão livre da criança em todas as suas formas de manifestação, ao ouvi-las foi possível captarmos suas emoções, alegrias e preocupações e também nos mostraram que não estão alheias ao mundo, ao contrário, o conhecem e apropriam-se dele.

Considerações Finais

A escola objetivou através desse princípio basilar da Pedagogia Freinet associadas a categorias freireanas, como, diálogo, humildade, conscientização e amorosidade, que todas as crianças sejam respeitadas nas suas descobertas e na sua diversidade cultural. Pensamos formar pessoas capazes para intervir no mundo de forma

consciente, não simplesmente reprodutoras e alienadas que pensam a partir das ideias de outros. Isto porque, as crianças têm necessidades fundamentais para o seu desenvolvimento; é necessário salientar que as pessoas têm direito não somente à expressão, à comunicação, à criação, mas também a um contato maior e o mais rico possível com a realidade. Em outras palavras, o direito de questionar o presente e o passado, de se expressar, de cometer erros.

Trabalhando a passos pequenos e pensamento amplo, a escola foi se destacando no município, principalmente por demonstrar e fazer ver aos professores que superando preconceitos, acreditando nos alunos, mantendo um diálogo fraterno com a comunidade é possível avançar e desenvolver com o grupo de crianças a cooperação, a afetividade, a expressão livre e a documentação. Outro elemento importante na experiência, no que se refere à formação de professores, foi a socialização dessas práticas, o que potencializou a criatividade em outros educadores. Havia os que chegavam e olhavam estranhamente, havia os que se apaixonavam e houve também os indiferentes.

Referências

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. da G. S. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREINET, C. (1960) : **Le texte libre**. C.E.L., Coll. Bibliothèque de l'Ecole moderne n° 3, Canne (Première édition : 1947, Coll. Brochures d'Education Nouvelle Populaire n° 25, Cannes.) [Le texte de base]. In www.freinet.org/amisdefreinet. Acesso em 01/06/2006.

FREINET, C. **Para uma Escola do Povo: guia** prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREINET, C. **A Educação do Trabalho**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, P. **Conscientização – Teoria e Prática da Libertação**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1981.

FREIRE, P. **Professora Sim, Tia Não. Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d' Água, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

OLIVEIRA, A. S. **Educação: redes que capturam caminhos que se abrem**. Vitória, E. S: EDUFES, Goiabeiras, 1996.

SAMPAIO, R. M. W. F. **Freinet evolução histórica e atualidades**. São Paulo: Editora Scipione, 1994.